5

Manifesto Brutalista

5.1

Manifesto Novo Brutalismo - 1955

Os Smithsons contribuíram com conceitos e orientações sobre o *Novo Brutalismo* principalmente depois que Theo Crosby assumiu o cargo de diretor da *Architectural Design* em 1954. Em janeiro de 1955 os Smithsons publicam o primeiro manifesto brutalista[1] no editorial da *Architectural Design* com uma introdução de Theo Crosby.

> Em 1954, uma nova e tardia explosão se produziu no cenário arquitetônico. Durante os anos que seguem a guerra, havíamos continuado degradando a invenção de Le Corbusier, criando assim um estilo - "contemporâneo" – facilmente reconhecível por seu mau uso dos materiais tradicionais e seu emprego aparente de pormenores "modernos", tais como pilotis decorativos (...). A reação apareceu no fim da escola de Hunstanton (por Alison e Peter Smithson) como ilustração do "Novo Brutalismo". O nome é novo: o método, uma revalorização dos edifícios mais avançados das décadas de 1920/1940, cujas lições (por causa de algumas fissuras nas superfícies) haviam sido negadas. Igualmente, exerceram efeito certas lições sobre o emprego formal da proporção (do professor Wittkower) e o respeito pelo valor sensorial de cada material (dos japoneses). Naturalmente, a teoria que se embasava no geralmente aceito e facilmente produzido como "contemporâneo" havia de criar oposição. Sobre tudo, no país que tínhamos convidado a prestar atenção para a nova mensagem. Na esperança de conseguir tantos leitores como fosse possível, em vista de um pensamento mais profundo sobre a forma e seu propósito na sua arte, pedimos aos Smithsons, como profetas do movimento, que fizessem uma opinião ou declaração que, parcialmente editamos:
>
> Nossa crença de que o Novo Brutalismo é a única evolução possível, neste momento, no que diz respeito ao movimento avançado (na arquitetura), parte não só do conhecimento de que Le Corbusier é um de seus defensores (arrancando do concreto bruto a sua Unité), sendo também que, fundamentalmente, ambos os movimentos tem levado em conta a arquitetura japonesa, sua idéia essencial, espírito e princípios. A arquitetura japonesa seduziu a geração que floresceu em 1900, produzindo, em Frank Lloyd Wright, a planta aberta e uma modalidade solta de construção decorativa; em Le Corbusier, o purista estético, as partes que se pode deslocar a vontade, o espaço continuo, o poder

1 BANHAM, R. *The New Brutalism: Ethic or Aesthetic?* Pag. 46. Original: SMITHSON, A, SMITHSON, P. *Novo Brutalismo*. Architectural Design: 1955.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610407/CA

> expressivo das cores branco e terrosas; em Mies, a estrutura e as superfícies são absolutas. Através da arquitetura japonesa, os anseios da geração de Garnier e Behrens encontraram FORM.
>
> Porém, para os japoneses, esta FORM só era uma parte de sua concepção geral da vida, uma sorte de expressão reverencial do mundo natural e, partindo daí, dos materiais usados no mundo da construção.
>
> Este respeito e amor aos materiais – um modo de realização da afinidade que pode estabelecer-se entre os edifícios e o homem – está na raiz do chamado Novo Brutalismo.
>
> Tem-se discutido que a escola de Hunstanton, a qual provavelmente deve tanto a arquitetura japonesa como a Mies, seja a primeira realização do Novo Brutalismo na Inglaterra.
>
> Seu particular tratamento dos materiais, não no sentido astuto de Frank Lloyd Wright, mas mediante a sua apreciação intelectual, tem sido muito levado em conta pelo movimento arquitetônico avançado, como, realmente, conhecedores dos primeiros arquitetos alemães se deram conta imediatamente.
>
> O inovador no Novo Brutalismo, entre as tendências recentes, é que acha suas mais intimas afinidades, não com os estilos do passado, mas nas formas das casas populares. Nada se realiza com astucia. A arquitetura surge como resultado direto de um sentimento da vida. O ano de 1954 foi um ano chave. Viu o surgimento do Neodadaísmo americano, com sua peculiar imaginação sobre imposta; a construção da obra mestra do automóvel que é o Cadilac conversível (...), verdadeira casa sobre rodas; o brotar de novas orientações no CIAM; a revalorização da obra de Gropius; e a Villa de Garches repintada?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610407/CA

Banham[2] destaca certos pontos deste texto. Um dos principais é que o casal expõe suas inquietudes pessoais o que resulta em um texto difícil de ser entendido e inoperante. Nesta época os Smithsons já possuíam mais conhecimento do que o apresentado no artigo. Banham aponta para o preâmbulo de Crosby que intenta fixar o *Novo Brutalismo* num contexto histórico para estabelecer a pertinência das concepções do casal Smithson.

Crosby faz menção a influência formalista em Hunstanton e o emprego das lições wittkowerianas, no entanto o casal não menciona o assunto e delega a influência japonesa a sua atitude formalista – *FORM*.

2 BANHAM, R. op. cit. Pag. 46.

Banham afirma que nenhum dos dois esteve no Japão e a arquitetura a que eles se referem é única e exclusivamente retirada de um livro de Bruni Taut de 1937, sobre casas japonesas e do filme *Porta do Inferno*. O mesmo acontece sobre casas populares, uma descoberta orientada pelos croquis da arquitetura mediterrânea de Le Corbusier e do Trabalho de Wittkower sobre a Itália.[3]

No entanto a insistência nas declarações sobre a importância dos materiais - principalmente baseado na clara manifestação dos materiais e em suas superfícies não recobertas e nem polidas - quase que suprimindo todos os outros aspectos da arquitetura do *Novo Brutalismo*, não faz justiça ao que pensavam os Smithsons naquele tempo. Mas foi com este tipo de declaração que a idéia do brutalismo como um estilo se generalizou. Em outro manifesto, os Smithsons demonstram sua decepção quanto a este rumo no movimento.

A demonstração que o casal faz sobre suas outras preocupações aparece na frase – "*consideramos a arquitetura como resultado direto de um sentimento da vida"* – reflete suas preocupações com a sociedade e o rumo das considerações urbanas que estavam sendo levantadas por eles no CIAM.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610407/CA

5.2

Statement of Principles

No ano de 1955 o casal Smithson escreve um artigo para a *Architectural Design* sobre o trabalho do grupo ATBAT – AFRIQUE[4] de Vladimir Bodiansky, Candilis e Woods. Extraem dele uma comparação com suas próprias intenções arquitetônico-sociais em Golden Lane e em outros lugares. A introdução do texto

3 BANHAM, R. op. cit. Pag. 47.

4 SMITHSON, A, SMITHSON, P. *Collective Housing in Morocco*. Architectural Design: 1955.

Casas Coletivas no Marrocos e a Declaração de Princípios está reproduzida na integra.

> Neste ano, no 10º CIAM o assunto em discussão será novamente "l´habitat*", em um momento em que se é esperado que os primeiros passos para uma abordagem do CIAM sobre os problemas de habitação seja formulada. No Congresso de 1953, em Aix-en-Provence, apesar de diversos esquemas terem sido apresentados de todas as partes do mundo, as únicas contribuições realmente novas surgiram de grupos da Grã-Bretanha, Holanda e Marrocos, e se interessavam a respeito da organização de novas formas de habitação coletiva, as quais poderiam ser desenvolvidas em padrões urbanos maiores.
>
> A resenha sobre "A Arquitetura Moderna na Holanda" (*Architectural Design, Agosto, 1954)*, embora não tenha lidado especificamente com o "habitat", tentou de fato apresentar o sentindo que os holandeses estão desenvolvendo.
>
> Nossa ligação particular com o grupo marroquino (ATBAT-AFRIQUE) se dá porque descobrimos que, como nós, eles trabalham por meio de suas próprias circunstâncias na "extensão" da habitação. O que nós denominamos de "quintal" no Golden Lane foi chamado por eles de "pátio", definindo seus conhecimentos sobre as necessidades árabes de uma área de grande migração atrás das montanhas do Atlas, onde o sistema coletivo constituído inclui uma área ao ar livre.
>
> Julgamos que estes edifícios no Marrocos são as maiores façanhas desde a Unité d´Habitation de Le Corbusier em Marseilles. Enquanto a Unité foi o ápice de uma técnica de se pensar o "habitat", iniciado há quarenta anos, a importância dos edifícios marroquinos se dá porque é a primeira manifestação de uma nova forma de se pensar.
>
> Devido a isto, eles são apresentados como idéias; mas é sua concretização que nos convence que aqui temos um novo universo.
>
> Declaração de Princípios
>
> É impossível para cada homem construir sua própria casa.
>
> Cabe ao arquiteto tornar possível ao homem fazer de seu apartamento sua casa, de sua pequena casa o seu "habitat".
>
> Até agora, tanto no Manual como de fato, a casa é construída até o último detalhe e o homem é comprimido em sua residência – na essência, o mesmo da Escócia até a Costa Dourada – e se adapta da melhor maneira que pode para a vida que o arquiteto o provê.
>
> Os membros mais jovens do CIAM requerem, como uma "primeira proposição do L´habitat", a extinção voluntária da arquitetura.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610407/CA

> Devemos preparar o "habitat" somente até o ponto em que o homem pode controlá-lo.
>
> Objetivamos fornecer um esquema no qual o homem pode ser novamente o mestre de sua casa.
>
> No Marrocos, a liberdade do homem de adaptar para si próprio foi feita um princípio do "habitat".
>
> * "Habitat" é uma palavra francesa para descrever tanto o domicílio como seu ambiente e tudo pertencente a este.

Este texto publicado na mesma edição que o *Manifesto Novo Brutalismo* responde muito mais as questões sobre habitação e sobre a identidade do homem com seu ambiente - questões mais relevantes para o pensamento brutalista que as trazidas no próprio manifesto. Este novo modo de pensar (como fala o casal) é um equivalente ao estudo que já vinha sendo desenvolvido por eles em Golden Lane. Trata-se de agregar ao projeto de habitação identidade e valores culturais locais que o homem necessita. A diferença aqui é que estas idéias e estudos foram concretizados e experimentados nas edificações construídas.

Estes estudos tratam de considerar a cultura local e suas atualidades, como certo grau de tolerância em relação aos diferentes projetos, como afirma Banham.[5]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610407/CA

5.3

Novo Brutalismo

Está é a resposta dada pelos Smithsons as várias concepções sobre o brutalismo que já tinha se internacionalizado em 1957. É considerado o segundo

5 BANHAM, R. op. cit. Pag. 47.

manifesto brutalista[6]. Nesta época o casal deixa bem claro as preocupações do *Novo Brutalismo* – lidar com uma sociedade complexa sem perder de vista seus valores culturais, tecnológicos e sua identidade. Afirmam que a arquitetura brutalista deve ser apreciada pelo seu conteúdo ético e não estético.

> Se o academicismo pode ser definido como as respostas de ontem para os problemas de hoje, então logicamente os objetivos e técnicas estéticas de uma verdadeira arquitetura (ou verdadeira arte) devem estar em mudança contínua. No período subseqüente ao pós-guerra, parecia ser importante demonstrar que a arquitetura ainda era viável, e definimos a criação de uma arquitetura regrada e compacta contra os vagos planejamentos e a formas.
>
> Simples objetivos, uma vez alcançados, mudam a situação, e as técnicas usadas para alcançá-los tornam-se inúteis.
>
> De edifícios isolados, totalmente disciplinados pelas técnicas estéticas clássicas, avançamos para uma análise como um todo do problema das associações humanas e das relações entre estas e os edifícios e a comunidade. Deste estudo surgiu uma nova postura e uma estética não-clássica.
>
> Qualquer debate sobre o Brutalismo perderá seu foco caso não considere a sua tentativa de ser objetivo sobre a "realidade" – os objetivos culturais da sociedade, seus anseios, suas técnicas e daí por diante. O Brutalismo tenta confrontar uma sociedade de produção em massa e tirar uma rude poesia das forças intensas e confusas que vigoram. Até agora, o Brutalismo foi debatido de forma estilística, ao passo que sua essência é ética.

6 ROBBINS, D. *The Independent Group: Postwar Britain and the Aesthetics of Plenty*. Pag. 186. Original SMITHSON, A, SMITHSON, P. *The New Brutalism*. Architectural Design: abril de 1957

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610407/CA